

"Compreensão na Europa", diz Funaro

22 SET 1986

DW. Externa

por Tom Camargo
de Paris

A primeira etapa da normalização do setor externo brasileiro, compreendida como a volta do País ao mercado de empréstimos voluntários, associada ao reescalamento, em bases mais favoráveis, da dívida existente, mais a obtenção de seguros/créditos de médio e longo prazo para importações, mais a formalização de novas regras de convivência com os organismos multilaterais, foi concluída sexta-feira, em Paris, pelo ministro da Fazenda, Dilson Funaro.

Nestas duas últimas semanas ele conversou com todos os norte-americanos (durante a visita do presidente José Sarney aos Estados Unidos), ingleses, alemães e franceses que realmente importam. Na próxima semana, quando do encontro anual do FMI/Banco Mundial, exporá seu manual de procedimentos para os japoneses.

Desta forma, em pouco mais de vinte dias Brasília

inteirará os cinco principais países industrializados sobre suas intenções para o resto da década e o princípio dos anos 90.

"A escolha da data da viagem (esta que acaba de terminar à Europa) foi muito acertada", considerou Funaro numa entrevista coletiva em Paris. "Há compreensão para com a tese brasileira. Eles estão sabendo que estamos numa posição sólida e que estamos, aos poucos, caminhando para uma estabilização completa."

Em síntese, Funaro disse aos maiores bancos e empresários industriais europeus que o governo Sarney não confronta o FMI, mas não o aceita ("em nenhuma hipótese, sob nenhuma condição") como avaliista de suas ações econômicas. Disse também que o País fez sua parte na crise da dívida, transformando-se num exportador de capitais (por suas contas, mais de US\$ 30 bilhões nos últimos cinco anos), e agora cabe aos bancos e aos governos das economias desenvolvidas colocar sua parte. "Se nos fecharem a porta, vamos derrubá-la", comentou Funaro.

O ministro diz saber que sua explanação contraria a receita vigente entre os ricos de que a crise deveria continuar sendo administrada segundo a existente alquimia das finanças internacionais, que mistura o Fundo Monetário, um colegiado de bancos privados (mais de setecentos, no caso do Brasil), agências governamentais e outros organismos multilaterais (como o Banco Mundial e o Clube de Paris).

"Estamos cansados de nos submeter a condicionais (...) elas brotam de todos os lados (...) estão no Plano Baker, no FMI, no comitê de bancos, no Banco Mundial (...) elas aparecem como uma solução natural para quem faz as coisas erradas, mas nós estamos fazendo tudo certo (...) nós pagamos aos bancos, ao FMI, ao Clube de Paris, com desemprego e recessão que maltrataram todo o País (...) nós estamos dizendo não", observou durante sua passagem pela Europa.

Ele lembra que o caso brasileiro é o único e os credores estão agindo com um cartel, tentando ditar as regras sobre como os devedores, independente de suas peculiaridades, devem comportar-se.

Em Cartagena, lembrou o ministro, os devedores

demonstraram maturidade e não saíram da armação que pede a análise caso a caso, optando por uma ação conjunta contra os credores. "Eles que lembrem como insistiam em que o caminho é o caso a caso. Eles que agora apliquem a receita a si mesmos."

Funaro compara a longa e custosa negociação que se inicia com um jogo de xadrez. Esquiva-se de especular sobre sua tática e diz que não discorre sobre reações hipotéticas dos credores no evento de recrudescimento do governo brasileiro. Defende a posição de que o País não precisará, nem neste nem no próximo ano, de nenhum dinheiro novo para equilibrar suas contas externas. Mais de imediato faz-se importante a obtenção de linhas de crédito/seguro para as importações que o governo quer fazer, de forma a manter a recessão ao largo e modernizar os setores doméstico e exportador da economia.

"Acusam-nos de protecionistas, mas nos privam

(Continua na página 16)